

O AMBIENTE EM QUE A PRIMEIRA CRISTANDADE VIVEU

A fidelidade a Cristo trazia implícita a decisão de superar as mais duras provações, O cristão tinha de renunciar ao passado e colocar-se à margem das tradições religiosas herdadas dos seus antepassados, que aquele mundo venerava com profundo respeito: consentia em tornar-se um homem sem estirpe nem história. A conversão podia supor — e de facto supôs, em muitos casos — a rutura dos laços familiares, dos vínculos que uniam o cristão às pessoas queridas, e até o desencadear do ódio e da perseguição dos mais chegados; o cristão sofria na sua carne a inimizade dos da sua própria casa, segundo a profecia de Cristo (Mat 10, 36). Mas talvez o mais terrível dos obstáculos fosse o que provinha da implacável hostilidade que encontrava na opinião pública.

Seria ingénuo pensar que as perseguições foram fruto exclusivo do capricho de imperadores sanguinários ou a obra desapiedada de um Estado inimigo. Geralmente, as perseguições traduzem um ambiente. Esta atmosfera de hostilidade mantinha-se constante, tensa, até nos períodos de aparente bonança. O cristão tinha de afrontar a rutura dos laços sociais, não ter medo de ser considerado desertor das instituições públicas, e sofrer as calúnias mais infamantes a propósito da sua vida, dos seus costumes e da sua honestidade pessoal, por parte da massa dos seus concidadãos. Este peso da opinião pública inimiga e encarniçada devia ser uma prova duríssima para a sua conversão e fidelidade. Tinham carradas de razão aquelas palavras de Tertuliano: «Para ser cristão não basta nascer; é preciso fazer-se, arrostando as consequências.»

Este quadro em que viveu a Cristandade primitiva conserva hoje um valor que ultrapassa o da pura recordação histórica. Os seus traços fundamentais voltaram a reproduzir-se nos nossos dias, mesmo em terras de velha tradição cristã. Aludindo ao que acontece em certos países em que se impôs um modo de viver e pensar oposto ao cristão, já o Romano Pontífice, dirigindo-se aos católicos alemães no dia 17 de Agosto de 1958, tomava precisamente como ponto de referência a existência heroica da antiga Cristandade. «Onde isto se dá — dizia —, acontece aos cristãos de hoje o mesmo que acontecia aos dos primeiros séculos do Cristianismo, num ambiente pagão que quase os afogava. Não temos receio de acrescentar que, em certas circunstâncias, pode ser hoje mais difícil levar uma vida cristã do que naqueles tempos.»